

Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG
Unidade Divinópolis

Projeto de pesquisa

**A NEUROSE COMO NEGATIVO DA PERVERSÃO:
um estudo sobre as perversões em Freud**

Curso: Psicologia

Divinópolis

2018

1. TÍTULO

A NEUROSE COMO NEGATIVO DA PERVERSÃO: um estudo sobre as perversões em Freud

2. INTRODUÇÃO

Desde seu surgimento no início do século XX, a Psicanálise tem sido considerada uma teoria de grande notoriedade e ainda se encontra em constante desenvolvimento por diversos autores contemporâneos. Sigmund Freud (1856-1939) consolidou inúmeros conceitos no decorrer de sua obra, os quais transformaram de maneira significativa a visão que o homem tem de si mesmo. Pode-se tomar sua teoria da sexualidade como exemplo dessa transformação, a qual causou espanto em toda a comunidade científica ao propor que o desenvolvimento psicológico deveria ser considerado como desenvolvimento psico-sexual, proposição que o permitiu afirmar que a sexualidade seria inerente às vivências infantis, ou seja, a sexualidade não seria uma vivência exclusiva do universo adulto, ao contrário: ela começaria na infância e seria prerrogativa de uma teoria sobre a gênese das psiconeuroses (FREUD, 1905/1996).

Muitas foram as contribuições freudianas dentro do campo psi, fazendo com que a Psicanálise se tornasse uma das grandes forças de tal campo em todo o mundo. Vários foram os conceitos criados para dar conta da interpretação do psiquismo humano – inconsciente, repetição, pulsão, recalque, transferência, etc. O *Vocabulário da Psicanálise* de Laplanche e Pontalis (2001) apresenta quase uma centena de conceitos freudianos criados ao longo da escrita da obra do pai da Psicanálise.

Entretanto, após a morte de Freud, muito do que era visceral em sua obra se perdeu com os trabalhos dos pós-freudianos e também com a tradução da obra freudiana para várias línguas, algumas vezes passando pelo inglês, como no caso da *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, publicada pela editora Imago no Brasil nas últimas décadas do século XX. Um desses conceitos, que inclusive tem sido pouco estudado atualmente, é o de perversão. Na concepção do senso comum, e

por vezes até na comunidade acadêmica, a perversão é tida como algo relacionado à depravação ou imoralidade.

De acordo com Freud, no primeiro de seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996), no qual ele discorre sobre as aberrações sexuais, a perversão consiste num desvio do objeto e do alvo sexual normal, ou seja, um desvio da “união dos genitais no ato designado como coito, que leva à descarga da tensão sexual e à extinção temporária da pulsão sexual (uma satisfação análoga à saciação da fome)” (FREUD, 1905/1996, p. 141). Nesse sentido, tudo o que poderia fugir deste padrão cultural determinado seria denominado como perverso. No que se refere ao desvio do objeto, estão inclusos os invertidos (homossexuais) e os indivíduos que têm como objeto pessoas sexualmente imaturas e animais (pedofilia e zoofilia). Quanto ao alvo, esses desvios podem ser definidos como atos que consistem em ir além dos limites anatômicos apropriados para o ato sexual normal (superestimação do objeto sexual, fetichismo, utilização das mucosas dos lábios e boca, utilização sexual do orifício anal e aos demais locais do corpo) e a fixação em alvos sexuais provisórios (os pares de opostos sadismo/masiquismo e voyeurismo/exibicionismo).

Entretanto, no decorrer desse mesmo texto, Freud (1905/1996) desenvolve a ideia de que os desejos sexuais perversos fariam parte da constituição do ser humano, advindos da infância. Nesse sentido, toda criança é um perverso polimorfo, ou seja, obtém prazer através das denominadas *pulsões parciais*, que se apoiam nas principais zonas erógenas durante o desenvolvimento humano (boca, ânus e genitais), além de ambos os objetos de amor infantil (os pais), configurando uma bissexualidade comum a todos os indivíduos. Futuramente, o recalçamento desses desejos ditos perversos será o núcleo dos sintomas neuróticos, pois nesse momento haverá sentimentos de asco, vergonha e moralidade.

Por outro lado, já que a disposição originária é necessariamente complexa, pareceu-nos que a própria pulsão sexual seria algo composto de diversos fatores e que, nas perversões, como que se desfaria em seus componentes. Com isso, as perversões se revelaram, de um lado, como inibições do desenvolvimento normal, e de outro, como dissociações dele. Essas duas concepções foram reunidas na hipótese de que a pulsão sexual do adulto nasce mediante a conjugação de diversas moções da vida infantil numa unidade, numa aspiração com um alvo único (FREUD, 1905/1996, p. 218).

O autor salienta, portanto, que essas tendências sexuais perversas nas psiconeuroses não são resultado apenas de uma fixação em uma fase ulterior, mas também de uma regressão a estágios anteriores do desenvolvimento.

A presença de tendências perversas em indivíduos neuróticos é, portanto, denominada *perversão negativa*, em oposição às *perversões propriamente ditas* ou *positivas*. Nos parece, portanto, que Freud sugere que há uma tendência do neurótico em negar seus impulsos perversos ao elaborar o axioma de que “a neurose é [...] o negativo da perversão” (FREUD, 1905/1996, p. 157).

Nesse ponto cabe uma nota sobre as palavras de Freud. “*die Neurose ist [...] das Negativ der Perversion*” (FREUD, 1905/1999, p.65). *Negativ*, em maiúsculo, é um substantivo. É neste sentido que usamos, ou pelo menos usávamos, quando dizíamos das fotografias: a fotografia revelada é o contrário do negativo, que se obtém com o filme fotográfico. Nesse processo há a inversão das cores: as áreas escuras de um ficam claras no outro, e vice-versa. É um processo que transforma uma imagem em seu avesso. Com isso podemos entender melhor a afirmação freudiana de que as tendências perversas do neurótico são negativas, enquanto a perversão propriamente dita é positiva.

Pensamos assim que as fantasias presentes na perversão são tidas de forma consciente e transformadas em ações frente às situações favoráveis. Isso nos direciona, portanto, ao entendimento de uma perversão positiva, que vai para além das tendências recalçadas do neurótico.

Esta proposta já estava presente em Freud desde meados da década de 1890, quando é sugerida em sua correspondência com Fliess (MASSON, 1986), ainda de maneira subentendida nas cartas de 06 de dezembro de 1896, na qual diz que a perversão é a consequência da não ocorrência da defesa, pensada aqui como o recalque; e de 11 de janeiro de 1897, na qual fala das perversões como algo animalesco, ainda mais primitivo; ou então de forma direta, na carta de 24 de janeiro deste ano, quando diz: “é como se, nas perversões, das quais a histeria é o negativo, estivéssemos diante de um remanescente de um culto sexual primitivo” (MASSON, 1986, p.228).

Mais próximo ao texto dos *Três ensaios* também encontramos afirmações semelhantes. A primeira em uma nota de rodapé no texto do capítulo XII da *Psicopatologia da vida cotidiana* (FREUD, 1901/1996), na qual Freud diz que as fantasias dos histéricos, sobretudo as de maus tratos, se assemelham às queixas dos paranoicos perseguidos, mas que as encontramos com conteúdo idêntico na satisfação dos apetites sexuais dos perversos.

Para Freud, portanto, a neurose seria o negativo da perversão no momento em que aquela se constitui de um exacerbado recalçamento do conteúdo sexual, ao passo de que nesta, tal conteúdo aparece de forma clara, ausente do sentimento de nojo ou culpa. Isso

pode ser confirmado no trecho em que o autor diz que “todos os psiconeuróticos são pessoas de inclinações perversas fortemente acentuadas, mas recalcadas e tornadas inconscientes no curso de seu desenvolvimento” (FREUD, 1905[1901]/1996, p.56). Continuando, temos a segunda aparição da afirmação freudiana, agora de forma direta. Vejamos:

As psiconeuroses são, por assim dizer, o negativo das perversões. Nos neuróticos, a constituição sexual, na qual está contida a expressão da hereditariedade, atua em combinação com as influências acidentais de sua vida que possam perturbar o desenvolvimento da sexualidade normal. O curso d'água que encontra um obstáculo em seu leito reflui para leitos antigos que antes pareciam destinados a permanecer secos. As forças impulsoras da formação dos sintomas histéricos não provêm apenas da sexualidade *normal* recalcada, mas também das moções perversas inconscientes (FREUD, 1905[1901]/1996, p.56, grifos do autor)

Duas décadas depois, em seu texto sobre o *Fetichismo* (1927/1996), Freud desenvolve a ideia de que o fetiche corresponde a uma substituição simbólica do falo da mãe, a qual foi castrada, por um objeto relacionado. O indivíduo, que teme a castração, recusa o fato de a mãe não possuir um falo, pois isso significa que seu próprio pênis corre perigo. Assim, o mecanismo da perversão passa a ser reconhecido por Freud como o desmentido [*Verleugnung*¹], no qual a crença de que a mãe foi castrada ainda continua preservada, mas foi, concomitantemente, abandonada. Ou seja, algo foi desmentido, mas sem que a verdade seja revelada. Dessa forma, para a criança, “a mulher *teve* um pênis, a despeito de tudo, mas esse pênis não é mais o mesmo de antes. Outra coisa tomou seu lugar, foi indicada como seu substituto, por assim dizer, e herda agora o interesse anteriormente dirigido a seu predecessor” (FREUD, 1927/1996, p. 157, grifos do autor).

Nesse momento da teorização freudiana, a perversão já possui um *status* diferenciado, próximo do que chamamos, a partir das leituras lacanianas, de estrutura subjetiva, ou seja, nesse ponto a perversão já é uma entidade clínica isolada, bem definida, e possui um mecanismo de defesa específico, diferente da neurose. Nesta, a defesa é efetuada pelo recalque, naquela, pelo desmentido. Ainda há alguns pontos obscuros, dado que o mecanismo de defesa da perversão é o mesmo da psicose, mas claramente, neurose e perversão seguem caminhos opostos na nosologia freudiana.

¹ A palavra *Verleugnung* é uma das mais aleatoriamente traduzida na obra freudiana. Traduz-se por rejeição, como no texto sobre o Fetichismo (FREUD, 1927/1996), por recusa da realidade, denegação, negação. Temos uma proposta interessante de tradução que adota o português desmentido, uma das possíveis traduções do verbo *verleugnen* – desmentir. O verbo *leugnen*, raiz de *verleugnen*, também tem o sentido de contestar, negar.

Algumas décadas depois da morte de Freud, na esteira das críticas aos pós-freudianos e à leitura equivocada dos conceitos do pai da Psicanálise, encontramos o psicanalista Jacques Lacan e sua proposta do retorno a Freud. Segundo esse mesmo autor, “o sentido de um retorno a Freud é um retorno ao sentido de Freud” (LACAN, 1956 [1955]/1998, p. 406), ou seja, seria necessária uma leitura atenta dos conceitos freudianos, uma reavaliação do fazer psicanalítico e tudo isso levaria a Psicanálise a reencontrar todo seu vigor.

Não se trata de um retorno às fontes, ou seja, não é um simples ato de leitura comentada; não se trata de simplesmente corrigir os erros de leitura dos pós-freudianos, ainda que isto se dê ao longo da obra lacaniana; trata-se sim de restabelecer o vigor da teoria buscando o sentido primeiro de Freud, mostrando o que a Psicanálise não é. Entretanto, esta prática de retorno ao sentido primeiro também implica em correções de desvios propriamente freudianos, ou mesmo na construção de desvios lacanianos, que levaram Lacan a seus atos de leitura, ainda que em algum momento elas discordassem da letra freudiana, mas tentando jamais discordar do sentido freudiano. Este é o ponto do retorno a Freud, e é com ele que retomamos a discussão da nosologia psicanalítica a partir de Lacan.

Ao longo de seu ensino, Lacan faz duras críticas à afirmação freudiana, dizendo que a neurose não é o negativo da perversão. Entretanto, esta crítica lacaniana deve ser entendida dentro de uma discussão sobre os tipos clínicos em Psicanálise, nos caminhos de uma psicopatologia psicanalítica que, a partir de Lacan toma novos rumos, sobretudo com as fronteiras estabelecidas pelo psicanalista francês entre a Psicanálise, a Linguística, e a Antropologia estrutural, que pode ser observada no aforismo lacaniano de que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (LACAN, 1964/1998, p. 25).

Se para Lacan é a psicose que ocupa lugar especial no contexto psicopatológico da Psicanálise, e se a neurose e a perversão estão do mesmo lado, ela não poderia ser, obviamente, o negativo da perversão.

Infelizmente, apesar da proposta lacaniana do retorno a Freud, tal busca das raízes conceituais da Psicanálise só ocorre dentro das escolas de psicanálise, sendo muito pouco frequente dentro das universidades, o que contribui para o não entendimento de uma teoria que já é complexa por natureza. O conceito de perversão não é diferente disso, pois o mesmo passou a ser usado como um termo pejorativo, e, segundo Roudinesco e Plon (1998) os perversos foram, por muito tempo, tidos como incuráveis e não analisáveis.

Nossa proposta do estudo da perversão, a partir da discussão da afirmação freudiana de que a neurose seria o negativo da perversão, pretende trazer de volta à discussão acadêmica esta estrutura subjetiva que paga um preço tão alto devido ao nome que carrega.

3. JUSTIFICATIVA

Este projeto se justifica pela necessidade de se investigar com mais afinco a conceptualização freudiana, no intuito de retirar o véu de obscuridade que cobre o entendimento das perversões como um todo. Em outra medida, este projeto visa também ampliar o desempenho de pesquisa dos alunos ao trabalhar critérios críticos de leitura e consideração das condições de produção textual de um autor. Também há que se pensar na escassa produção sobre o tema na atualidade, o que nos leva a questionamentos sobre os motivos de tal abandono dentro da própria comunidade psicanalítica.

Tendo em vista que a noção de perversão é, em grande parte dos casos, entendida como sinônimo de maldade, imoralidade ou promiscuidade, é necessário que haja uma melhor compreensão do que a Psicanálise realmente entende como perversão, seja em nível teórico, estrutural ou clínico. E, ainda mais importante, também é necessário realizar uma contextualização da teoria em contraste com os dias atuais, pois as questões culturais, sociais, religiosas e históricas são de extrema relevância quanto à nomeação de um padrão, seja ele moral, sexual ou comportamental. De acordo com o próprio Freud,

precisamos aprender a falar sem indignação sobre o que chamamos de perversões sexuais - essas transgressões da função sexual tanto na esfera do corpo quanto na do objeto sexual. Já a indefinição dos limites do que se deve chamar de vida sexual normal nas diferentes raças e épocas deveria arrefecer tal ardor fanático (1905[1901]/1996, p.55).

Dessa feita, nossa proposta se configura como uma pesquisa atual e de grande relevância para a clínica e teoria psicanalítica, pois busca entender o que Freud realmente queria dizer quando apresentou a afirmação de que a neurose é o negativo da perversão, além de desmistificar detalhes da dinâmica perversa, tão inexplorada atualmente.

4. OBJETIVOS

4.1. OBJETIVO GERAL

- Buscar a compreensão da noção de perversão a partir da afirmação freudiana na qual a neurose se configuraria como o negativo da perversão, a partir da leitura atenta e dirigida dos textos psicanalíticos, em diversas versões.

4.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Buscar uma leitura atenta de um dos tipos clínicos fundamentais da teoria psicanalítica, buscando a ligação com outros conceitos e sua utilização clínica;
- Preparar os alunos para uma compreensão mais refinada da teoria psicanalítica, atenta ao sentido visceral da descoberta freudiana;
- Buscar a elaboração de trabalhos acadêmicos que possam ser apresentados em congressos de psicanálise e áreas afins, com o intuito de divulgar o trabalho realizado;

5. METODOLOGIA

Freud colocava a Psicanálise como um método de investigação das neuroses. Ele sempre quis fazer da Psicanálise uma ciência, tal qual a Física e a Química de sua época (basta para isto lembrarmos do *Projeto para uma psicologia científica* (1950[1895]/1996), ainda anterior à Psicanálise, mas que já contém o cerne de boa parte da teorização futura), mas com o passar do tempo e de suas investigações, notou que eram discursos diferentes.

A despeito desta diferença, Freud soube precisar criteriosamente o que estava em jogo na perspectiva da dinâmica conceitual:

De fato, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com tais definições. O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação. Mesmo na fase de descrição não é possível evitar que se apliquem certas ideias abstratas ao material manipulado (FREUD, 1915/1996, p. 123).

Neste sentido, o método psicanalítico de investigação está sempre aberto e não tem a intenção de chegar a uma verdade universal ou mesmo a conclusões específicas. Ele é um processo investigativo, não conclusivo. É um processo em que a teoria e a clínica estão sempre intimamente juntas, indissociáveis. Vemos na pena de Freud que “um só e mesmo procedimento servia simultaneamente aos propósitos de investigar o mal e livrar-se dele, e essa conjunção fora do comum foi posteriormente conservada pela psicanálise” (FREUD, [1924/1923] 1996, p.218). Pensando com Herrmann, temos que o fazer psicanalítico:

Tem sido, há um tempo, a expressão concentrada da teoria do aparelho psíquico e o lugar de sua paulatina liquefação. Concentrados em procedimento clínico, os conceitos psicanalíticos não retêm seu estado teórico; equivalente ao estado sólido, digamos. O uso clínico desmancha sua estrutura, reagrupa os conceitos, operacionaliza-os, cõa deles as partículas teóricas reificadas, numa palavra, transforma-os no fluído metodológico que alimenta a análise (HERRMANN 2004, p.63).

Com a ideia da indissociável maneira do fazer psicanalítico entre a teoria e a clínica, organizamos uma maneira de preparar o aluno para a clínica, levando-o ao conhecimento prévio dos conceitos, imaginando uma espiral ascendente de conhecimento.

Na prática, o método utilizado seria o de leitura comentada dos textos psicanalíticos relacionados ao assunto em questão, atentando-se para a terminologia original proposta pelos autores. Entre esses, nos referimos principalmente aos textos freudianos dos *Três ensaios* (1905/1996), o *Caso Dora* (1905[1901]/1996), e o *Fetichismo* (1927/1996). Outros textos serão abordados. Em Freud, especificamente os textos que se referem de alguma forma à perversão, seja pela via da pulsão (como no texto

metapsicológico *Pulsões e destinos da pulsão*²), seja pela via da fantasia (como no texto *Bate-se em uma criança*³), pela via da lei (como no texto *Totem e tabu*) ou mesmo diretamente, pela noção de perversão (como no texto *O problema econômico do masoquismo*). Em Lacan buscaremos os textos onde há de maneira mais acentuada a crítica à afirmação freudiana de que a neurose é o negativo da perversão (sobretudo o *Seminário 4* e o *Seminário 8*) além de textos em que o analista francês dedica-se à perversão como tal (como em *Kant com Sade* e o *Seminário 7*).

A intenção é, portanto, revisitar a noção clínica de perversão, principalmente em autores como Freud e Lacan, além de uma correlação deste com demais conceitos fundamentais para o correto entendimento dos textos supracitados.

Os encontros de leitura ocorrerão de forma presencial, em horário e local previamente agendados dependendo da disponibilidade dos participantes da pesquisa. As orientações sobre a escrita dos textos para publicação em periódicos e eventos (congressos, seminários, etc) ocorrem presencialmente, podendo também ocorrer de forma virtual, através de ferramentas disponíveis na internet.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. Sobre a psicopatologia da vida cotidiana (1901). In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 6v. 1996.

FREUD, S. Fragmento da análise de um caso de histeria (1905[1901]). In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 7v. 1996, p13-116.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 7v. 1996, p117-231.

FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 14v. 1996, p115-144.

² A tradução brasileira nomeia este texto de *Os instintos e suas vicissitudes*.

³ A tradução brasileira nomeia este texto de *Uma criança é espancada*.

FREUD, S. Uma breve descrição da psicanálise ([1924/1923]). In: FREUD, S. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 19v. 1996, p149-160.

FREUD, S. Fetichismo (1927). In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 21v. 1996, p117-231).

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1959[1895]). In: FREUD, S. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1v. 1996, p333- 454.

FREUD, S. Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie (1905). In: FREUD, S. *Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 5v. 1999, p27-145.

HERRMANN, F. Pesquisando com o método psicanalítico. In: HERRMANN, F; LOWENKRON, T. (orgs). *Pesquisando com o método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

LACAN, J. (1956 [1955]/1998). A coisa freudiana ou o sentido do retorno a Freud em psicanálise. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p402-437.

LACAN, J. (1964). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (2 ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. *Vocabulário da psicanálise*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MASSON, J. M. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

6.1 OUTRAS REFERÊNCIAS CONSULTADAS

ÁLVAREZ, J. M., ESTEBAN, R., SAUVAGNAT, F. *Fundamentos de psicopatología psicoanalítica*. Madrid: Editorial Síntesis, (n.d.).

BERCHERIE, P. Los fundamentos de la clínica: historia y estructura del saber psiquiátrico. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 1986.

GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HANNS, L. A. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KAUFMANN, P. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KURY, J. A.; PEREZ, C. D. *Desenvolvimentos em psicopatologia psicanalítica*. Campinas: Papirus, 1998.

ROUDINESCO, E. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROUDINESCO, E. *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

7. NÚMERO E TITULAÇÃO DOS COMPONENTES DA EQUIPE EXECUTORA

A equipe executora é constituída dos cinco membros que se seguem:

- Professor orientador (doutor em teoria psicanalítica);
- Dois professores colaboradores da própria UEMG (doutorandos em teoria psicanalítica);
- Um professor visitante, convidado de outra instituição de ensino superior (mestre em teoria psicanalítica);
- Um(a) aluno(a) bolsista (graduando(a) de Psicologia).

8. DURAÇÃO TOTAL PREVISTA

A proposta da pesquisa se encerra com o final do ano letivo de 2018, e terá início, caso seja aprovada, tão logo seja publicado o resultado final do edital ao qual este projeto se refere.

9. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO E PERÍODO DE VIGÊNCIA DA BOLSA SOLICITADA

O estudo iniciará com o período letivo do curso de Psicologia da UEMG – Unidade de Divinópolis, e seu fim terá a data coincidente com o fim do período letivo. Após um primeiro mês dedicado preparação do material prévio, teremos nove meses de trabalho conforme previsto no cronograma abaixo. Os três meses finais do período letivo são dedicados à escrita de um artigo que resuma os passos da investigação do ano e que seja direcionado a algum periódico da área. Os meses intermediários podem ser reduzidos dependendo do momento em que o resultado final do edital ao qual este projeto se submete seja publicado.

Mês	Mar 2018	Abr 2018	Mai 2018	Jun 2018	Jul 2018	Ago 2018	Set 2018	Out 2018	Nov 2018	Dez 2018
Atividade										
Preparação do material a ser pesquisado	X									
Pesquisa e seleção do material bibliográfico	X									
Leitura do material recolhido		X	X	X	X	X	X	X	X	X
Elaboração de artigo para publicação em periódico								X	X	X

10. PLANILHA DE CUSTOS E CONTRAPARTIDA DA INSTITUIÇÃO

Como a pesquisa tem um cunho teórico referenciado pelo método psicanalítico de pesquisa (teoria e prática indissociáveis), não haverá custos para o trabalho. Quando da

apresentação dos mesmos em congressos, buscar-se-á em agências de fomento reconhecidas o custeio das inscrições e despesas de viagens. Outra possibilidade é que o custo seja feito pelo próprio aluno ou orientador. As demais formas de apresentação da produção, como a publicação em periódicos, não necessitam de custeio.

Em relação à contrapartida da instituição (UEMG – Unidade de Divinópolis) há a disponibilização de salas para os encontros, material impresso quando necessário, e logística de possíveis viagens. De maneira geral a instituição fornece amplo apoio à pesquisa presente e sustenta a proposta de manter o mesmo apoio no caso de continuidade.

11. PLANO DE TRABALHO DO(A) BOLSISTA

O(a) aluno(a) bolsista deverá cumprir uma carga horária total de 20 (vinte) horas semanais de estudo divididas da seguinte maneira:

- Uma hora semanal de leitura em grupo dos textos previamente selecionados;
- Uma hora de discussão dos rumos da pesquisa;
- Oito horas de preparação dos textos para a semana seguinte, leitura de material complementar; preparação de material para o artigo final a ser submetido a periódico ou congresso de áreas afins;
- Preparação do material de estudo para cada encontro;
- Realização de inscrições em eventos;
- Nos últimos meses da pesquisa, cuidar do envio do artigo final ao periódico escolhido (sob supervisão do coordenador da pesquisa).